

JEAN-JACQUES
ROUSSEAU
AS CONFISSÕES

SEGUNDA PARTE

TRADUÇÃO DO FRANCÊS (SUÍÇA) E NOTAS DE
MANUEL DE FREITAS



Após dois anos de silêncio e de paciência, apesar das minhas resoluções, retomo a pluma. Leitor, suspendei o vosso julgamento quanto às razões que a isso me obrigam. Apenas as podereis julgar depois de me terdes lido.

Vimos a minha tranquila juventude escoar-se numa vida monótona, bastante doce, sem grandes revezes nem grandes prosperidades. Essa mediocridade foi em grande parte obra da minha natureza ardente, mas fraca, ainda menos pronta a empreender do que a desencorajar; a qual, saindo do repouso aos abanões, mas regressando a ele por fadiga e por gosto, e conduzindo-me sempre, longe das grandes virtudes e ainda mais longe dos grandes vícios, para a vida ociosa e serena para a qual sentia ter nascido, nunca me permitiu avançar para nada de grande, tanto no bem como no mal.

Que papel tão diferente eu teria em breve de desempenhar! O acaso, que durante trinta anos favoreceu as minhas inclinações, contrariou-as nos trinta anos seguintes, e, dessa oposição contínua entre a minha situação e as minhas propensões, ver-se-á nascer culpas enormes, desgraças inauditas, e todas as virtudes, com excepção da força, que podem honrar a adversidade.

A minha primeira parte foi escrita toda de memória e devo ter cometido muitos erros. Forçado a escrever a segunda também



JEAN-JACQUES ROUSSEAU

de memória, cometerei provavelmente ainda mais erros. As doces recordações dos meus anos de juventude, passados com tanta tranquilidade como inocência, deixaram-me mil impressões encantadoras que gosto incessantemente de lembrar. Em breve se verá quão diferentes são as do resto da minha vida. Recordá-las é renovar a sua amargura. Longe de azedar a que sinto na minha situação com essas tristes evocações, afasto-as o mais que me é possível, e faço-o a ponto de já não conseguir reencontrá-las quando preciso delas. Essa facilidade de esquecer os males é um consolo que o Céu me assegurou em todos esses que o destino se encarregaria um dia de acumular sobre mim. A minha memória, que me relembra unicamente as imagens agradáveis, é o contrapeso feliz da minha imaginação inquieta, que apenas me faz prever futuros cruéis.

Todos os papéis que eu tinha juntado para completarem a minha memória e me guiarem nesta iniciativa, ao passarem para outras mãos, não voltarão a ficar nas minhas. Apenas tenho um guia fiel no qual posso confiar, e este é a cadeia dos sentimentos que marcaram a sucessão do meu ser, e por meio deles a dos acontecimentos que deles foram a causa ou o efeito. Esqueço facilmente as minhas infelicidades; mas não consigo esquecer as minhas culpas, e menos ainda esquecer os meus bons sentimentos. A recordação deles é-me demasiado cara para alguma vez se apagar no meu coração. Posso fazer omissões nos factos, transposições, erros de datas; mas não me posso enganar quanto ao que senti, nem quanto àquilo que os meus sentimentos me obrigaram a fazer, e é disto que verdadeiramente se trata. O objectivo próprio das minhas confissões é dar a conhecer com exactidão o meu interior em todas as situações da minha vida. Foi a história da minha alma que eu prometi, e para a escrever fielmente não necessito de outras memórias; basta-me, como fiz até aqui, reentrar no meu íntimo.

Existe, no entanto, muito afortunadamente, um intervalo de seis a sete anos sobre o qual tenho informações seguras numa recolha transcrita de cartas cujos originais estão na posse



do senhor Du Peyrou. Essa recolha, que termina em 1760, abrange todo o período da minha estadia no Hermitage e da minha grande desavença com os meus supostos amigos: época memorável na minha vida e que foi a origem de todas as minhas outras infelicidades. A respeito das cartas originais mais recentes que me possam restar, e que são em número muito reduzido, em vez de as transcrever no seguimento da recolha, demasiado volumosa para que possa esperar subtraí-la à vigilância dos meus Argos, transcrevê-las-ei neste mesmo escrito, sempre que me parecer que fornecem algum esclarecimento seja em minha defesa, seja em minha acusação; pois não receio que o leitor se possa vir a esquecer de que não faço as minhas confissões para que sejam a minha apologia, mas ele também não deve esperar que eu cale a verdade quando esta fala a meu favor.

De resto, esta segunda parte apenas tem essa mesma verdade em comum com a primeira, e a sua única vantagem sobre ela consiste na importância das coisas. Tirando isso, ela só lhe pode ser inferior em tudo. Escrevia a primeira com prazer, com satisfação, sentindo-me à-vontade em Wootton ou no castelo de Trye; todas as recordações que tinha de evocar eram outras tantas novas alegrias. Regressava incessantemente a elas com um prazer novo, e podia compor sem incómodo as minhas descrições até que ficasse contente com elas. Actualmente, a minha memória e a minha cabeça debilitadas tornam-me quase incapaz de qualquer trabalho; apenas me ocupo deste à força e com o coração apertado pela angústia. Ele dá-me a ver unicamente infelicidades, traições, perfídias, recordações entristecedoras e dilacerantes. Gostaria, por quanto há no mundo, de sepultar na noite dos tempos aquilo que tenho para dizer e, obrigado a falar a contragosto, vejo-me ainda constrangido a esconder-me, a enganar, a esforçar-me por disfarçar, a aviltar-me com as coisas para as quais menos terei nascido. Os tabiques debaixo dos quais me encontro têm olhos, as paredes que me rodeiam têm ouvidos; cercado de espiões e de vigilantes malévolos e atentos, inquieto e distraído, lanço à pressa



JEAN-JACQUES ROUSSEAU

no papel algumas palavras interrompidas que mal tenho tempo de reler, e menos ainda de corrigir. Sei que, apesar das barreiras enormes que se amontoam incessantemente à minha volta, se receia sempre que a verdade se solte por alguma fissura. Como proceder para que ela consiga irromper? Tento-o com pouca esperança de vir a consegui-lo. Avalie-se se existe ali algo que permita fazer quadros agradáveis e dar-lhes uma coloração atraente! Aviso, pois, aqueles que desejarem começar esta leitura que nada, quando a continuarem, os poderá proteger do aborrecimento, a não ser o desejo de acabar de conhecer um homem, e o amor sincero à justiça e à verdade.

Detive-me, na minha primeira parte, quando partia com desgosto para Paris, depositando o meu coração em Charmettes, fundando aí o meu último castelo em Espanha, planeando levar para lá um dia até aos pés da Mamã, entregue a si mesma, os tesouros que eu tivesse adquirido, confiando no meu sistema de música como se confia numa fortuna garantida.

Fiquei algum tempo em Lyon para visitar os meus conhecidos, para tentar arranjar algumas recomendações que levasse para Paris e para vender os meus livros de geometria, que trouxera comigo. Todas as pessoas me vieram acolher. O senhor e a senhora Mably demonstraram prazer em me rever, e ofereceram-me almoço várias vezes. Conheci em casa deles o abade Mably, tal como me acontecera antes com o abade Condillac⁽²⁾, que tinham vindo ambos para visitar o irmão deles. O abade de Mably deu-me cartas para mostrar em Paris, entre elas uma destinada ao senhor de Fontenelle e outra ao conde de Caylus⁽³⁾. Tive muito agrado em conhecer

⁽²⁾ Gabriel Bonnot de Mably (1709-1785): autor de obras históricas e filosóficas, foi conselheiro do cardeal de Tencin. Étienne Bonnot de Condillac (1715-1780), irmão de Mably, autor de obras como o *Ensaio sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos* (1746) ou o *Tratado das Sensações* (1754) [N. T].

⁽³⁾ Bernard Le Bouyer de Fontenelle (1657-1757): filósofo, poeta e dramaturgo francês. Anne-Claude Philippe, conde de Caylus (1692-1765): crítico de arte e arqueólogo francês [N. T].





AS CONFISSÕES

qualquer deles, sobretudo o primeiro, que até à sua morte nunca deixou de me demonstrar amizade e de me dar, nas nossas conversas a dois, conselhos que eu devia ter aproveitado melhor.

Revi o senhor Bordes, que já conhecia há muito tempo, e que me tinha muitas vezes prestado favores com boa-fé e com o prazer mais verdadeiro. Nessa ocasião encontrei-o exactamente na mesma. Foi ele quem conseguiu vender os meus livros, e ele próprio me deu ou procurou para mim boas recomendações em Paris. Revi o senhor Intendente, a quem devia o conhecimento do senhor Bordes, e a quem devia também o do senhor duque de Richelieu, que passou por Lyon naquele tempo. O senhor Pallu apresentou-mo. O senhor de Richelieu recebeu-me bem e disse-me para o visitar em Paris, coisa que fiz várias vezes, sem que, no entanto, esse alto conhecimento, do qual falarei frequentemente em seguida, me tenha alguma vez sido útil para alguma coisa.

Revi o músico David, que me tinha ajudado quando estava na penúria numa das minhas viagens precedentes. Tinha-me emprestado ou dado um barrete e umas meias, que nunca lhe devolvi e que ele nunca me pediu que o fizesse, embora nos tenhamos voltado a ver muitas vezes desde então. Fiz-lhe mais tarde, porém, uma oferta quase equivalente. Diria melhor do que isso, se se tratasse aqui do que lhe devia, mas trata-se do que eu fiz, e infelizmente isso não é a mesma coisa.

Revi o nobre e generoso Perrichon, o que não aconteceu sem que fosse alvo da sua habitual magnificência, pois deu-me a mesma prenda que dera anteriormente ao gentil Bernard, pagando do seu bolso o meu lugar na diligência. Revi o cirurgião Parisot, o melhor e o mais benevolente dos homens; revi a sua querida Godefroi, que ele sustentava há dez anos, e cujo mérito quase todo residia na doçura do seu carácter e na bondade do seu coração, mas de quem não nos podíamos aproximar sem interesse nem afastar sem enternecimento, pois ela estava na fase final de um definhamento que pouco tempo





JEAN-JACQUES ROUSSEAU

depois a mataria. Nada revela melhor as verdadeiras inclinações de um homem do que a qualidade dos seus afectos(*). Depois de se ter visto a doce Godefroi, ficava-se a conhecer o bom Parisot.

Devia estar reconhecido a todas essas pessoas honestas. Acabei depois por negligenciá-las a todas. Não certamente por ingratidão, mas por essa invencível preguiça que tantas vezes me deu ares disso. Nunca o sentimento dos seus favores me saiu do coração, mas ter-me-ia custado menos provar-lhes o meu agradecimento do que testemunhá-lo assiduamente. A exactidão na escrita esteve sempre acima das minhas forças; assim que começo a relaxar, a vergonha e o embaraço de reparar a minha culpa vêm agravá-la, e deixo por completo de escrever. Mantive, portanto, o silêncio, e pareci tê-los esquecido. Parisot e Perrichon nem sequer deram por isso, e foram sempre os mesmos comigo, mas ver-se-á, vinte anos depois, no senhor Bordes, até que ponto o amor-próprio de um belo espírito pode levar a vingança quando se julga negligenciado.

Antes de deixar Lyon, não devo esquecer uma pessoa gentil que revi ali com mais prazer do que nunca e que deixou recordações muito ternas no meu coração. Trata-se da menina Serre, de quem falei na primeira parte, e com a qual voltei a conviver enquanto estava em casa do senhor de Mably. Nessa viagem, tendo eu mais tempo livre, vi-a mais frequentemente; apaixonei-me por ela, e com muita intensidade. Tinha alguns motivos para pensar que ela não me ignorava propriamente,

(*) A não ser que ele tenha começado por se enganar na sua escolha, ou que aquela a quem ficou ligado tenha depois mudado de carácter devido a uma série de causas extraordinárias, o que não é completamente impossível. Se quisermos admitir sem modificação essa consequência, teríamos então de julgar Sócrates pela sua mulher, Xantipa, e Díon de Siracusa pelo seu amigo Calipo, o que seria o mais iníquo e falso julgamento que se poderia fazer. De resto, afaste-se daqui qualquer aplicação injuriosa à minha mulher. Ela é, na verdade, mais limitada e mais fácil de enganar do que eu pensava, mas o seu carácter puro, excelente, sem malícia, é digno de toda a minha estima, e tê-la-á enquanto eu viver.



mas concedia-me uma confiança que me afastava da tentação de abusar dela. Ela não possuía nada, e eu também não; as nossas situações eram demasiado parecidas para que nos pudéssemos unir, e, nas perspectivas que me ocupavam, estava muito longe de pensar em casamento. Ela disse-me que um jovem negociante chamado Genève parecia querer afeiçoar-se a ela. Vi-o em casa dela uma ou duas vezes; pareceu-me um homem honesto, e tinha fama de o ser. Persuadido de que ela seria feliz com ele, desejei que a desposasse, como veio depois a fazer, e, para não perturbar os seus amores inocentes, apressei-me a partir, fazendo pela felicidade daquela pessoa encantadora votos que, ai de mim!, apenas foram escutados aqui em baixo por um breve instante, pois vim a saber mais tarde que ela morreu ao fim de dois ou três anos de casamento. Ocupado com os meus desgostos ternos durante todo o caminho, senti e voltei muitas vezes a sentir desde então, ao pensar de novo naquilo, que se os sacrifícios que fazemos ao dever e à virtude costumam a ser feitos, somos bem recompensados pelas doces recordações que nos deixam no fundo do coração.

Tanto como na minha viagem anterior tinha visto Paris pelo seu lado desfavorável, tanto a vi nesta viagem pelo seu lado brilhante; não, todavia, no que respeita ao meu alojamento, pois, seguindo a morada que me dera o senhor Bordes, fui alojar-me no hotel Saint-Quentin, rua des Cordiers, próximo da Sorbonne, rua grosseira, hotel grosseiro, quarto grosseiro, mas onde, no entanto, estiveram alojados homens de mérito, como por exemplo Gresset, Bordes, os abades de Mably e de Condillac e outros que infelizmente já não encontrei ali. Mas encontrei aí um senhor de Bonnefond, fidalgo coxo, litigante, com ar puritano, ao qual devo o conhecimento do senhor Roguin, que é agora o decano dos meus amigos, e por meio deste o do filósofo Diderot, de quem terei muita coisa a dizer mais adiante.

Cheguei a Paris no Outono de 1741, com quinze luíses de dinheiro contado, a minha comédia *Narciso* e o meu projecto de música como únicos recursos, tendo por conseguinte pouco



JEAN-JACQUES ROUSSEAU

tempo a perder para me esforçar a tirar partido disso. Apressei-me a fazer valer as minhas recomendações. Um homem jovem que chega a Paris com um aspecto sofrível, e que anuncia os seus talentos, pode estar seguro de ir ser bem recebido. Eu fui-o; isso proporcionou-me agrados sem me trazer grande coisa. De todas as pessoas às quais fui recomendado, apenas três me foram úteis: o senhor Damesin, fidalgo saboiano, que era então escudeiro e, suponho, favorito da senhora princesa de Carignan; o senhor de Boze, secretário da Academia das Inscrições, e guarda das medalhas do escritório do rei; o Padre Castel, jesuíta, autor do *Cravo Ocular*. Todas essas recomendações, com exceção da do senhor Damesin, provinham do abade de Mably.

O senhor Damesin providenciou-me o mais depressa possível dois conhecimentos que me foram úteis: um deles foi o do senhor de Gasc, magistrado que presidia ao parlamento de Bordéus e que tocava muito bem violino; o outro foi o do senhor abade de Léon, que estava então alojado na Sorbonne, jovem cavalheiro muito amável, que morreu na flor da idade depois de ter brilhado alguns instantes em sociedade sob o nome de cavaleiro de Rohan. Um e outro tiveram o capricho de aprender composição. Dei-lhes alguns meses de aulas que mantiveram um pouco a minha bolsa quase vazia. O abade de Léon ganhou-me amizade e quis ter-me como seu secretário, mas ele não era rico. E apenas me pôde oferecer no total oitocentos francos, que recusei com muita pena, mas que não me seriam suficientes para pagar o meu alojamento, a minha alimentação e o meu sustento.

O senhor de Boze recebeu-me muito bem. Ele gostava da sabedoria, e tinha-a, mas era um pouco pedante. A senhora de Boze poderia ser filha dele: era brilhante e tinha sempre uma atitude rebuscada. Eu almoçava por vezes em casa deles. Não se poderia ter um ar mais tolo e desastrado do que o meu diante dela. A sua atitude desembaraçada intimidava-me e tornava a minha mais ridícula. Quando ela me passava um prato, avançava o meu garfo para espetar modestamente um pequeno



pedaço daquilo que ela me oferecia, de modo que ela devolvia ao seu criado o prato que me tinha destinado, virando-se para que eu não a visse rir. Ela não tinha qualquer dúvida de que na cabeça daquele campônio não podia deixar de haver algum espírito. O senhor de Boze apresentou-me ao senhor de Réaumur, seu amigo, que vinha almoçar a casa dele todas as sextas-feiras, dia da Academia das Ciências. Falou-lhe do meu projecto, e do desejo que eu tinha de o submeter ao exame da Academia. O senhor de Réaumur encarregou-se da proposta, que foi aceite; no dia combinado, fui introduzido e apresentado pelo senhor de Réaumur, e no mesmo dia, 22 de Agosto de 1742, tive a honra de ler à Academia o relatório que tinha preparado para a ocasião. Embora aquela ilustre assembleia fosse inegavelmente muito sobranceira, senti-me ali muito menos intimidado do que diante do senhor Boze, e saí-me muito razoavelmente nas minhas leituras e nas minhas respostas. O relatório teve êxito, e atraiu-me cumprimentos, que me surpreenderam tanto quanto me lisonjearam, pois custava-me imaginar que, perante uma Academia, alguém que não fazia parte dela pudesse ter a aprovação geral. Os comissários que me atribuíram foram os senhores de Mairan, Hellot e de Fouchy; todos eles, inegavelmente, homens de mérito, mas nenhum deles sabia música, pelo menos não o suficiente para poder avaliar o meu projecto.

Durante as minhas conferências com esses senhores, convenci-me, com tanta certeza quanto surpresa, de que, se por vezes os sábios têm menos preconceitos do que os outros homens, em contrapartida agarram-se ainda mais fortemente àqueles que possuem. Por mais fracas, por mais falsas, que fossem, na maior parte, as suas objecções, e embora eu lhes respondesse timidamente, reconheço, e com pouca habilidade, mas com razões peremptórias, não consegui nem uma única vez fazer-me entender e contentá-los. Ficava sempre espantado com a facilidade com que eles, apoiando-se em algumas frases sonoras, me refutavam sem me terem compreendido. Foram desencantar não sei onde que um monge chamado Souhaitti

tinha outrora imaginado notar a escala com algarismos; isso foi o bastante para sustentarem que o meu sistema não era novo, e pretendia sê-lo. Porque, embora eu nunca tivesse ouvido falar do padre Souhaitti, e ainda que a sua maneira de escrever as sete notas do cantochão sem sequer pensar nas oitavas não merecesse de modo nenhum entrar em paralelo com a minha simples e cómoda invenção para notar facilmente com algarismos toda a música imaginável, claves, silêncios, oitavas, compassos, tempos e valores das notas, coisas em que Souhaitti nem sequer pensou, era, contudo, muito verdadeiro afirmar que, quanto à expressão elementar das sete notas, fora ele o primeiro inventor. Mas, além de eles darem a essa invenção primitiva mais importância do que ela tinha, não se ficaram por aí, e, assim que quiseram falar do fundamento do sistema, começaram unicamente a disparatar. A maior vantagem do meu sistema era revogar as transposições e as claves, de modo que o mesmo excerto se encontrava notado e transposto à-vontade, em qualquer tom que se desejasse, no meio da suposta mudança de uma só inicial no início da ária. Aqueles tinham ouvido dizer aos trinca-notas de Paris que o método de executar por transposição não valia nada. Partiram daí para transformar em invencível objecção contra o meu sistema a sua vantagem mais evidente, e decidiram que a minha anotação era boa para a parte vocal, e má para a parte instrumental, em vez de decidirem, como deveriam ter feito, que era boa para a parte vocal, e melhor ainda para a parte instrumental. Com base no parecer deles, a Academia concedeu-me um certificado cheio de elogios muito belos no meio dos quais se percebia, no fundo, que ela não achava nem novo nem útil o meu sistema. Não julguei que devesse adornar com semelhante documento a obra intitulada *Dissertação sobre a Música Moderna*, por meio da qual apelei ao público.

Tive oportunidade de assinalar nessa ocasião até que ponto, mesmo com um espírito limitado, o conhecimento único, mas profundo, da coisa é preferível, para a avaliar bem, a todas as luzes dadas pela cultura das ciências, quando não se lhe juntou